Julho/2016

VOZ COMERCIÁRIA

Órgão Oficial do Sindicato dos Comerciários de São Paulo – www.comerciarios.org.br

O Sindicato que te atende bem!

Plus Size

Sobrepeso ainda é alvo de preconceito no mercado de trabalho

EDUCAÇÃO
EJA – Nunca é tarde para estudar

HOMENAGEM
75 anos do Sindicato dos Comerciários

SAÚDE
Você está estressado?

VOZ COMERCIÁRIA

Publicação do Sindicato dos Comerciários de São Paulo
www.comerciarios.org.br

SEDE
Rua Formosa, 99 - Anhangabaú - Centro
CEP 01049-00 - Tel.: 2121-5900
www.comerciarios.org.br

SUBSEDE PINHEIROS
Rua Deputado Lacerda Franco, 125
Tel.: 2142-3300
pinheiros@comerciarios.org.br

SUBSEDE TATUAPÉ
Rua Dr. Raul da Rocha Medeiros, 72
Tel.: 3466-9393
tatuape@comerciarios.org.br

SUBSEDE LAPA
Rua 12 de Outubro, 385 - 4º andar
cjs. 41/42 e 6º andar cj. 62
Tel.: 2131-9900
lapa@comerciarios.org.br

SUBSEDE SANTO AMARO
Rua Coronel Luis Barroso, 102/106
Tel.: 2162-1700
santoamaro@comerciarios.org.br

SUBSEDE SANTANA
Rua Voluntários da Pátria, 1.961
4º andar - cjs. 401/402
Tel.: 2121-9250
santana@comerciarios.org.br

SUBSEDE SÃO MIGUEL
Rua Arlindo Colaço, 162
Tel.: 3466-9600
saomiguel@comerciarios.org.br

SUBSEDE BOM RETIRO
Rua José Paulino, 586 - 5º andar
Tel.: 2504-3500
bomretiro@comerciarios.org.br

SUBSEDE BRÁS
Rua Brigadeiro Machado, 33 - 1º andar
Tel.: 2144-9671
bras@comerciarios.org.br

AMBULATÓRIO MÉDICO E ODONTOLÓGICO
Rua Dr. Diogo de Faria, 967
Tel.: 2142-3350
ambulatorio@comerciarios.org.br

CLUBE DE CAMPO EM COTIA
Estrada do Morro Grande, 3.000
Cotia/SP - Reservas: 2121-5967
clubedecampo@comerciarios.org.br

COLÔNIA DE FÉRIAS NA PRAIA GRANDE
Av. Guilhermina, 240 - Praia Grande/SP
Tel.: (13) 3474-2310

Diretoria
Ricardo Patah, Presidente
José Gonzaga da Cruz
Diretor Vice-Presidente
Edson Ramos
Diretor Secretário Geral
Antonio Carlos Duarte
Diretor Tesoureiro/Financeiro
Antonio Evanildo Rabelo Cabral
Diretor de Educação, Formação Profissional e Esportes
Cleonice Caetano Souza
Diretora de Assistência Social e Previdência
Marcos Afonso de Oliveira
Diretor do Departamento Jurídico
Josimar Andrade de Assis
Diretor de Relações Sindicais
Neildo Francisco de Assis
Diretor do Patrimônio

Suplentes da Diretoria
Cremilda Bastos Cravo, Dijalma Alves Domingues, Isabel Kausz dos Reis, Isaias Roberto da Silva, Aparecido Tadeu Plaça, Erasmo Jacinto da Silva, Marlene Teixeira Rodrigues, Marinaldo Antonio de Medeiros e Rosilania Correia Lima.

Conselho Fiscal
Avelino Garcia Filho, Gino Vaccaro e Luiz Hamilton de Sousa
Suplentes do Conselho Fiscal
Adriana Machado, Domingos Serralvo Moreno e Maria das Graças da Silva Reis

Delegados Federativos
Nildo Nogueira e Wilson Moura da Silva
Suplentes de Delegados Federativos
Manuel Correia e Domingos Serralvo Moreno

Conselho de Planejamento Estratégico
Rubens Romano e Julio Nicolau

Editora e Jornalista responsável: Elaine Gazonni Mtb 17.654/SP
Textos: Karina Amador e Ana Castanho
Programação Visual, Artes e Diagramação: Antonio Laudate
Fotos: Fabio Mendes e Jaélcio Santana
Tiragem: 70 mil exemplares
Cartas para a Revista: Assessoria de Imprensa
Rua Formosa, 99 - 13º andar - CEP 01049-000 - São Paulo/SP

Filiado à:

Na crise, nossa Campanha ganha mais força

Estamos vivendo uma das maiores crises econômicas da nossa história e uma incerteza política sem precedentes. Em apenas um ano, já perdemos mais de 1 milhão de postos de trabalho em todos os segmentos. Isso faz com que, no momento em que estamos em Campanha Salarial, as negociações se tornem mais complicadas, pois a alegação dos patrões é de que, diante das circunstâncias, torna-se impossível atender nossas reivindicações.

A crise econômica é real, mas ela é resultado da ganância dos especuladores e da má gestão política. Portanto, não vamos aceitar, mais uma vez, que, em nome de equívocos políticos e econômicos, os trabalhadores paguem a conta. Isso significa que, nesse momento, a ação do Sindicato na condução das negociações salariais não pode ser um ato único, mas a participação e presença dos trabalhadores nos atos e manifestações que estamos realizando serão importantes na obtenção de bons resultados. Somos o maior sindicato de trabalhadores da iniciativa privada do País, representando 500 mil comerciários e comerciárias. E é com o peso dessa responsabilidade, mas também em nome da força de trabalho que representamos para o desenvolvimento do País, que nossa Campanha será vitoriosa.

Em meio a toda essa turbulência, a boa notícia é que, este ano, o Sindicato comemorou 75 anos e foi homenageado durante uma sessão solene na Assembleia Legislativa de São Paulo, convocada pelo deputado Davi Zaia, que também é vice-presidente nacional da União Geral dos Trabalhadores (UGT), central sindical à qual o nosso Sindicato é filiado. Senadores, deputados e diversas autoridades estiveram presentes, mas nosso maior orgulho foi contar com a presença de mais de mil trabalhadores que foram prestigiar o marcante evento na história de nosso Sindicato.

Ricardo Patah,
Presidente do Sindicato

REDES SOCIAIS

facebook.com/RicardoPatah
facebook.com/comerciarios.SP
WhatsApp (11) 9 9144-6564
twitter.com/RicardoPatah
twitter.com/comerciariossp
BLOG blogdopatah.blogspot.com.br
www.comerciarios.org.br

ÍNDICE

4
ENTREVISTA
RENATA ANDRADE
Gestão da diversidade na prática

7
JURÍDICO
Entenda a regra 85/95 para aposentadoria. É ela que vale!

8
AÇÕES DO SINDICATO
Assembleia Legislativa comemora 75 anos do Sindicato dos Comerciários

10
EDUCAÇÃO
EJA
Nunca é tarde para estudar

14
HISTÓRIA DO COMÉRCIO
Ouro! Ouro! Ouro!

16
SINDICATO/DIEESE
Reforma tributária como mecanismo de redução de desigualdade

22
ARTIGO
MARIO SÉRGIO CORTELLA
“O animal satisfeito dorme”

27
SAÚDE
Você está estressado?

CAPA
Plus Size
Talento e beleza sem medida
18

FAZ PARTE DO COMÉRCIO
Chapéu
Item que é sinônimo de charme e elegância
24

28
RESPONSABILIDADE SOCIAL
Um olhar diferenciado. Quando um “click” muda tudo

32
CULTURA
Respeitável público, hoje tem circo!

Gestão da diversidade na prática

"Minha vida é meu trabalho, e não o contrário." Essa é a definição dada por Renata Andrade, que, aos 41 anos, trabalha com inclusão e gestão da diversidade há mais de 20.

Formada em filosofia, hoje a consultora técnica da empresa Diversitas é também professora de orientação e mobilidade para reabilitação da pessoa com deficiência visual.

Um dos projetos que ela toca é o Dog Day, que foi realizado no Sindicato dos Comerciários de São Paulo, em parceria com a Secretaria de Inclusão da Pessoa com Deficiência da entidade, em 28 de abril, em comemoração ao Dia Internacional do Cão-Guia.

Após a ação, Renata conversou com a equipe da Revista Voz Comerciária.

"Para ser socializador, não basta gostar de cachorro. Tem que gostar de gente!"

O que faz a Diversitas?

Trata-se de uma consultoria especializada em gestão da diversidade, constituída por técnicos associados. É uma empresa social que trabalha com tudo relacionado à diversidade, inclusão e acessibilidade na educação, na cultura e no trabalho.

E como surgiu o Dog Day?

Trabalhei diretamente com a reabilitação de pessoas que haviam acabado de perder a visão e minha roda de amigos foi se tornando de pessoas com deficiência visual. Por conta disso, me aproximei dos cães-guia, me apaixonei por esse universo e resolvi me especializar também nessa questão.

Como funciona esse trabalho?

O Dog Day tem como objetivo promover informação de qualidade para facilitar a convivência das comunidades com usuários e socializadores de cães de assistência. Então, nós levamos nas empresas usuários, socializadores e treinadores acompanhados de cães de assistência treinados ou em socialização para interagir com os participantes e capacitar as pessoas a atenderem o público usuário de cão-guia.

A escolha dos locais é aleatória?

Procuramos e somos procurados por empresas e instituições que sentem necessidade desse tipo de informação, ou seja, todas *(risos)*. A falta de conhecimento sobre a lei e os direitos dos usuários e socializadores de cães de assistência é enorme. Podemos fazer o Dog Day em empresas, escolas, ambientes noturnos (como bares e teatros), locais públicos.

Quando surgiu essa ideia?

Fui percebendo a necessidade de levar esse serviço ao público pois, como socializadora, fui barrada várias vezes em locais públicos e via pessoas com deficiência sendo enganadas, adestradores vendendo cães que não poderiam prestar o serviço, famílias querendo ser socializadoras e desistindo ou sendo barradas também. O projeto começou em novembro do ano passado e é o primeiro no Brasil.

Você disse "cães que não poderiam prestar o serviço". Não é qualquer cachorro que pode ser cão-guia?

Não. Precisa haver uma predisposição genética, habilidades específicas e ser treinado. E treinar é diferente de adestrar. O cão de assistência tem que tomar decisões e isso é ensinado por treinadores especializados, com a ajuda dos socializadores. Aqui no Brasil, as pessoas estão mais acostumadas a trabalhar com as raças Golden e Labrador, mas outras raças também podem atuar como cães de assistência. O Pastor Alemão, por exemplo, é usado como cão-guia.

Quem é o socializador?

São pessoas que, voluntariamente, fazem o trabalho de socializar o futuro cão de assistência, ou seja, inserem o cachorro ainda filhote em seu dia a dia enquanto ele é treinado por especialistas. Levam ao parque, à faculdade, ao supermercado, à farmácia, ao shopping, vivem com ele em casa. Isso para que o cão aprenda a conviver e a se portar em sociedade para, posteriormente, poder auxiliar uma pessoa com deficiência. Eu e meu marido somos família socializadora.

Deve ser um trabalho difícil. Primeiro, para entenderem que você não tem uma deficiência e tem um cão de assistência, segundo para se desligar do cachorro quando ele está socializado...

É muito difícil. Não há preparo emocional suficiente para o momento da despedida. Ao mesmo tempo, é gratificante demais saber que você fez parte do processo que ajudará

Comemoração ao Dia Internacional do Cão-Guia, realizada no Sindicato dos Comerciários de São Paulo

alguém. Por isso eu sempre digo que, para ser socializador, não basta gostar de cachorro. Tem que gostar de gente! Em relação aos estabelecimentos, a dificuldade é enorme. E aí volto a falar da falta de informação. Você perde horas e horas explicando por que está com o cachorro, que não podem brincar com ele ou que devem brincar, etc.

Há uma lei que regulamente a entrada do cão-guia nos locais?

Sim. Há lei para o usuário, o treinador e o socializador, mas as pessoas desconhecem. Por isso, faz parte do trabalho do socializador dar toda a explicação, mostrar documentos e convencer as pessoas de que somos clientes normais, que merecemos respeito e atendimento adequado. Se você é barrado e chama a polícia ou o bombeiro, por exemplo, certamente terá que explicar a lei para eles também, que não sabem como agir.

Qual a situação mais inusitada pela qual você já passou como socializadora?

Ah, são muitas. A maior dificuldade é com os taxistas. Eles não querem aceitar, mas são obrigados. Até você explicar, discutir, muitas vezes acaba perdendo a hora. Com os ônibus coletivos já é bem mais fácil. Eles respeitam a lei. Em lojas, geralmente, as pessoas não sabem se passam a mão no cachorro, se pedem para ele ficar fora ou se rezam para ele não rasgar nenhuma roupa.

Quantos cães-guia há no Brasil?

Hoje não há informação segura sobre esse número pois não existe uma política pública ou de controle voltada a essa questão. Mas sabemos que o número está aumentando.

E como as pessoas podem se informar sobre o assunto?

Estamos lutando para que sejam criadas políticas públicas que organizem esse processo e a deputada Mara Gabrili é uma grande aliada nessa questão. Por enquanto, contamos com a acessibilidade atitudinal, ou seja, nós buscamos incluir esse tema no discurso e na prática das empresas a partir do Dog Day. É dessa forma que a informação se propaga.

OS CÃES DE ASSISTÊNCIA SÃO CLASSIFICADOS DA SEGUINTE FORMA:

- CÃO-GUIA – para pessoas cegas ou com baixa visão;
- CÃO DE SERVIÇO – para auxiliar pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida;
- CÃO DE SINALIZAÇÃO OU CÃO PARA SURDOS – tem a finalidade de indicar fontes sonoras;
- CÃO DE ALERTA MÉDICO – avisa a pessoas com doenças crônicas, como epilepsia ou diabetes, por exemplo, da proximidade de ocorrência de um ataque;
- CÃO PARA PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – adestrado para cuidar da integridade física e controlar situações de emergência.

Saiba mais em www.diversitas.etc.br e http://dogwisebr.wix.com/inicio

Entenda a regra 85/95 para aposentadoria. É ela que vale!

Desde o dia 5 de novembro, passaram a valer as novas regras para a concessão da aposentadoria por tempo de contribuição. Trata-se da fórmula 85/95 Progressiva - Lei 13.183.

O novo cálculo leva em consideração a soma da idade e do tempo de contribuição do segurado ao INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

Para a mulher, esse número deve ser 85. Para o homem, 95. Alcançados esses pontos, é possível receber o benefício da aposentadoria integral, sem aplicar o fator previdenciário.

Mas atenção! É obrigatório ter um mínimo de contribuição: 30 anos para mulheres e 35 para homens.

Sobre a progressividade, o que acontece é que tais números irão sendo ajustados de acordo com a expectativa de sobrevida dos brasileiros, que tem aumentado anualmente.

Os valores aumentarão, progressivamente, conforme a tabela abaixo:

31 de dezembro de 2018
86 (M) / 96 (H)
31 de dezembro de 2020
87 (M) / 97 (H)
31 de dezembro de 2022
88 (M) / 98 (H)
31 de dezembro de 2024
89 (M) / 99 (H)
31 de dezembro de 2026
90 (M) / 100 (H)

A lei limita esse escalonamento até 90/100, quando o valor passa a ser estável, ou seja, o mesmo dali para frente.

Hoje, por exemplo, se uma mulher tem 55 anos de idade e 30 anos de contribuição, ela pode se aposentar sem a incidência do fator previdenciário, porque a soma dos dois valores dá 85 (55 + 30).

Assembleia Legislativa comemora

75 anos do Sindicato dos Comerciários

No dia 10 de junho, uma Sessão Solene na Assembleia Legislativa de São Paulo (ALESP) comemorou os 75 anos do Sindicato dos Comerciários de São Paulo, o maior da América Latina.

A sessão foi proposta pelo deputado estadual Davi Zaia. Além dele, compuseram a mesa da cerimônia Ricardo Patah, presidente do Sindicato e da União Geral dos Trabalhadores (UGT) – Central à qual a entidade é filiada; o deputado estadual Fernando Capez, presidente da ALESP; o ministro interino do Trabalho, Jânio Carlos Endo Macedo; o senador Paulo Paim; e a desembargadora Silvia Regina Pondé Galvão Devonald, presidente do Tribunal do Trabalho 2ª Região.

O evento abrangeu apresentação da Banda da Polícia Militar, discursos, um vídeo sobre a história da entidade sindical, considerações a seus antigos presidentes, apresentação da orquestra do Grupo Pão de Açúcar, homenagem a importantes personagens da trajetória do Sindicato e do comércio paulistano e, ainda, apresentações musicais com o cantor e funcionário do Sindicato, Rodrigo Monforte, a cantora Giovanna Maira, e de crianças do Espaço dos Sonhos / Ponte Brasilitália.

Os homenageados foram **Davi Zaia; Ronaldo Nogueira de Oliveira,** ministro do Trabalho representado na ocasião pelo ministro interino **Jânio Carlos Macedo; Júlio Nicolau,** comerciário da Rua 25 de Março e ex-tesoureiro do Sindicato; **Levi Fernandes,** presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio (CNTC); **Luiz Beethoven Giffoni Ferreira,** desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo que assegurou os direitos dos comerciários na ocasião do fechamento do Mappin; **Luiz Carlos Motta,** presidente da Federação dos Empregados no Comércio do Estado de São Paulo (Fecomerciários); **Mário Passarela,** filiado ao Sindicato desde 1959; **Olga Pereda,** associada à entidade há mais de 30 anos; senador **Paulo Paim,** autor do projeto que resultou na lei que regulamenta a profissão de comerciário; **Roberto Santiago,** presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores em Serviços, Asseio e Conservação, Limpeza Urbana, Ambiental e Áreas Verdes (Fenascon) e autor da Frente Parlamentar Comerciária; **Rubens Romano,** presidente do Sindicato dos Comerciários de São Paulo de 1989 a 2003; **Silvia Regina Pondé Galvão Devonald,** presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região; e **Abram Szajman,** presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (Fecomercio), representado por **Francisco Wagner De La Torre.**

A Sessão Solene contou com a presença de cerca de 800 convidados, entre representantes de todas as esferas governamentais, comerciários, presidentes de sindicatos de diversos estados brasileiros e centrais sindicais.

A vereadora Edir Sales homenageou Ricardo Patah com um júbilo em nome da Câmara Municipal de São Paulo.

"Nosso Sindicato vai além das questões do dia a dia do comerciário. Vamos atrás de melhores condições para o trabalhador como cidadão, o que inclui estudo, saúde, bem-estar. Temos muitas vitórias para celebrar, mas também muito a fazer. Vamos lutar incansavelmente pelo piso salarial unificado e para acabar de vez com qualquer tipo de discriminação. Outro desafio é a tecnologia, que traz muitos benefícios, mas também ocasiona desempregos. Precisamos ter a capacidade de acompanhar o desenvolvimento sem perder postos de trabalho. Temos muito orgulho do comerciário e da comerciária, trabalhadores que, mais do que produtos, vendem sonhos – e sempre com um sorriso no rosto", disse Patah.

NA OCASIÃO, O SINDICATO HOMENAGEOU PESSOAS QUE, DE ALGUMA FORMA, FAZEM PARTE DESSES 75 ANOS E CONTRIBUEM NA LUTA PELOS DIREITOS E PELA DIGNIDADE DO TRABALHADOR DO COMÉRCIO. SÃO ELES:

Davi Zaia *(direita)*

Jânio C. Macedo *(centro)*, **recebe a placa em nome de Ronaldo Nogueira**

Júlio Nicolau *(esquerda)*

Levi Fernandes *(centro)*

Luiz Beethoven Giffoni Ferreira *(centro)*

Luiz Carlos Motta *(centro)*

Mário Passarela *(centro)*

Olga Pereda *(centro)*

Paulo Paim *(esquerda)*

Roberto Santiago *(centro)*

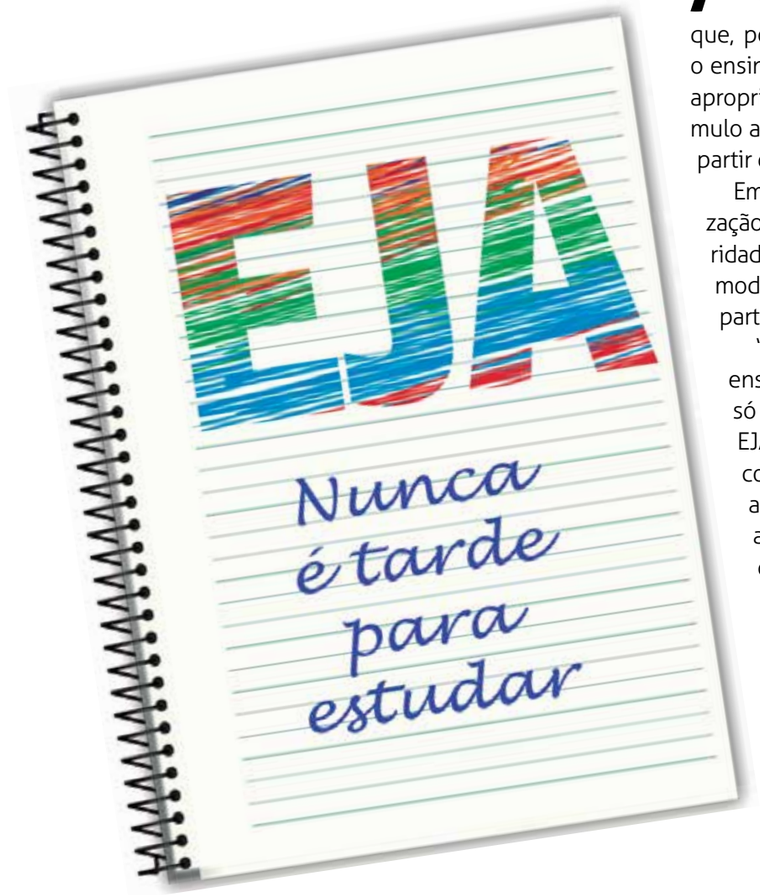
Rubens Romano *(centro)*

Silvia Regina Pondé Galvão Devonald

Francisco Wagner *(centro)* **recebe a placa em nome de Abram Szajman**

“Temos que adaptar e trabalhar algo mais prático e relacionado à realidade do aluno, de modo que ele não perca o interesse”

Celina Biancheti



A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que nasceu da necessidade de oferecer uma chance para pessoas que, por qualquer motivo, não concluíram o ensino fundamental ou o médio na idade apropriada. É considerada uma ação de estímulo ao regresso à sala de aula de jovens a partir de 18 anos e adultos.

Em 2003, o MEC oficializou a alfabetização de jovens e adultos como uma prioridade do Governo Federal. Existem três modalidades: presencial, a distância ou particular.

“A proposta curricular é a mesma do ensino fundamental ou médio regular, só que adaptada às necessidades do EJA. Tem uma interdisciplinaridade, o conteúdo de uma disciplina deve ser adaptado em outra. A ideia é elaborar algo que desperte o interesse e, principalmente, direcione para o mercado de trabalho. Temos que adaptar e trabalhar algo mais prático e relacionado à realidade do aluno, de modo que ele não perca o interesse”, explica Celina Biancheti, vice-diretora e professora da Escola Estadual Professor Antonio Lisboa.

É uma modalidade que não tem muitos recursos do Estado para se manter, mas não deixa de ser uma alternativa para aqueles que buscam avançar nos estudos ou até mesmo uma melhor colocação no mercado de trabalho.

Celina conceitua o EJA como uma das modalidades mais funcionais da escola. “A opção pelo EJA é maior porque eles querem acabar rápido. Esse público – mais velhos, donas de casas, pessoas que não puderam estudar e perderam a época correta – não está aqui para perder tempo. Eles participam mais e demonstram maior interesse pelas aulas.”

Para a professora, é um desafio manter as cinco turmas sem que haja evasão significante. “Quando se trata de um sistema presencial, é difícil. Comparecer ››

» e cumprir o calendário escolar para adquirir o certificado de conclusão é mais complicado, porque muitos têm a responsabilidade familiar, os filhos, o cansaço físico do trabalho, etc. E, por ter uma idade mais avançada, já não têm aquele pique que um jovem em idade escolar tem. Muitos alunos desistem na metade do caminho. A maioria se mantém com o propósito de terminar os estudos porque o trabalho exige."

"A escola é o meu momento. Aqui eu converso, aprendo e faço novas amizades, mas sempre com o foco em terminar o ensino médio e ingressar em uma faculdade"

Patricia Cavallari

Mãe, filha e colegas de escola

A ideia de cursar direito foi o que fez Patricia Cavallari Soares retornar à sala de aula. Hoje com 40 anos, ela parou de estudar na adolescência – aos 16 – porque queria trabalhar para ter seu próprio dinheiro. "Na época, trabalhava na área do comércio, não tinha tempo e era cansativo conciliar. Continuei no trabalho e optei por desistir dos estudos."

Patricia é mãe de três filhos – entre eles, uma adolescente de 16 anos que também cursa o ensino médio regular, na mesma escola. A dona de casa conta que o retorno ao estudo teve o apoio total da família e dos filhos. A escolha veio no momento certo. "Todo mundo me deu a maior força, inclusive meus filhos. Isso é bom, porque, às vezes, temos vergonha e nos sentimos deslocados. Sempre participei da vida escolar deles e aqui na escola as pessoas já me conhecem como mãe. Agora, sou aluna! Frequentar a escola hoje não atrapalha. Se fosse para voltar antes, talvez não conseguisse. Meus filhos ainda precisam de cuidados, mas já estão crescidos. Foi tudo na hora certa! A escola é o meu momento. Aqui eu converso, aprendo e faço novas amizades, mas sempre com o foco em terminar o ensino médio e ingressar em uma faculdade", comenta Patricia.

Quanto mais qualificado, melhor

Reflexo da crise econômica que abalou o ano de 2015, o mercado de trabalho chegou a um dos momentos mais críticos da história, que ainda tem seus efeitos em 2016.

O cenário pode assustar, mas não significa que não há vagas. O número está em baixa em relação a anos anteriores, mas ainda há emprego. O Banco Nacional de Empregos (BNE) disponibiliza quase 200 mil vagas em seu banco de dados para todo o País.

O foco é a busca por profissionais que agreguem valor à empresa por competências específicas que se enquadrem à realidade atual e que tenham um currículo com uma vasta lista de qualificação.

Com as demissões em alta, o trabalhador está se vendo cada vez mais inseguro e sem saber como planejar o futuro. A dica para enfrentar tal situação é buscar capacitação constante.

Para quem quer ingressar no EJA

- É PRECISO SER MAIOR DE 18 ANOS E NÃO TER CONCLUÍDO OS ESTUDOS NA IDADE ADEQUADA.
- AS INSCRIÇÕES ACONTECEM AO FINAL DE CADA ANO LETIVO OU, DEPENDENDO DA ESCOLA, NO TÉRMINO DO SEMESTRE. OS INTERESSADOS DEVEM IR ATÉ A ESCOLA DESEJADA PARA FAZER A INSCRIÇÃO MUNIDOS DO HISTÓRICO ESCOLAR, QUE É OBRIGATÓRIO.
- É NECESSÁRIO QUE A PROCURA SEJA SUFICIENTE PARA FORMAÇÃO DAS TURMAS.

Sindicato oferece cursos profissionalizantes

É nesse contexto que a Diretoria de Educação, Formação Profissional e Esportes do Sindicato dos Comerciários de São Paulo atua, oferecendo aos comerciários e dependentes qualificação profissional, cujo objetivo é aprimorar suas habilidades, melhorar o desempenho em suas atividades laborais, prepará-los para assumir novos desafios, galgar novos caminhos e garantir melhores salários.

"Quanto mais qualificado, melhor. Estudar sempre é uma ferramenta fundamental para quem deseja ter sucesso em sua carreira", afirma Antonio Evanildo Rabelo Cabral, diretor responsável pelo departamento.

Em sete anos, a diretoria formou mais de 500 comerciários em cursos como Rotinas Administrativas, Atendimento ao Cliente, Informática Básica, Inglês, Libras e Espanhol.

Todos os comerciários e seus dependentes podem participar. Os associados ao Sindicato têm descontos especiais.

Antonio Evanildo Rabelo Cabral

Comerciários se qualificam e recebem certificação no Sindicato

Confira os cursos que o Sindicato oferece e faça sua escolha!

- INGLÊS
- ESPANHOL
- INFORMÁTICA
- LIBRAS
- ROTINAS ADMINISTRATIVAS
- FORMAÇÃO POLÍTICA CIDADÃ
- ATENDIMENTO AO CLIENTE

Também promovemos palestras em:

- MARKETING PESSOAL
- SUSTENTABILIDADE NO AMBIENTE DE TRABALHO

Ouro! Ouro! Ouro!

É o que escuta quem desembarca na estação de metrô Sé e segue até a Rua Barão de Paranapiacaba, no Centro de São Paulo, conhecida por concentrar grande oferta de lojas que vendem joias em ouro e prata.

Não estamos na Índia, muito menos em Dubai, mas Inshallah*! É muito ouro reunido em uma rua quase escondida. São apenas 100 metros de extensão no caminho que liga a Rua Quintino Bocaiúva à Praça da Sé, mas o suficiente para fazer os visitantes se perderem nas mais de 100 lojas distribuídas entre prédios, shoppings e galerias.

Popularmente conhecida como a "Rua do Ouro", lá, anéis, alianças, colares, relógios e brincos são encontrados com facilidade e a preços mais baixos.

"Pode-se dizer que é um grande varejão. É o lugar onde as pessoas compram peças em ouro mais baratas, tanto para uso pessoal quanto para presentear", define o responsável por uma das lojas da rua, que prefere não se identificar.

Público

A procura por alianças ainda é o forte da rua. Os casais que passam pelo local são os alvos mais desejados das dezenas de "puxadores", pessoas que ficam na rua garimpando clientes.

"O custo de uma peça é bem diferente de uma loja de shopping ou em outro lugar. A compra aqui é pelo peso do ouro e não pelos detalhes da peça"

Samantha Nunes

Samantha Nunes, vendedora e balconista da Loja Barão das Joias, diz ter perdido as contas de quantos noivos ela já "casou" (atendeu). "O público aqui é variado, mas a maioria é gente que vai casar."

A comerciária diz, ainda, que, apesar dos clientes serem bem exigentes, todos são atraídos pelos valores das joias. "Quase todos os estabelecimentos são lojas de fábricas e isso faz o preço cair. O custo de uma peça é bem diferente de uma loja de shopping, por exemplo. A compra aqui é pelo peso do ouro e não pelos detalhes da peça."

História

Barão de Paranapiacaba foi poeta, jornalista, advogado e professor. Entrou na política como deputado, por Goiás. Além disso, foi um dos precursores do romantismo no Brasil e, junto com José de Alencar, criou o Teatro Nacional.

Historicamente, não há relação do nome da rua com o segmento. Só se sabe que a comercialização de joias em ouro e prata se deu a partir das oficinas que já existiam no local, abrindo caminho para o surgimento das grandes redes de joalherias.

**Inshallah é uma expressão árabe para "se Deus quiser" ou "se Alá quiser".*

> *“O Brasil é um país com grandes desigualdades de renda e a tributação, na medida em que recai de maneira desigual sobre as famílias, acaba ampliando ainda mais essa desigualdade”*

Reforma tributária como mecanismo de redução da desigualdade

No Brasil, a estrutura tributária possui uma grande participação de impostos indiretos ***(1)***, aplicados majoritariamente sobre o consumo de bens e serviços. O problema decorrente disso é que impostos indiretos são tributos cujos ônus podem ser transferidos a terceiros pelos contribuintes, total ou parcialmente, e estes tendem a ser menos eficientes em realizar o princípio da progressividade ***(2)***.

Por exemplo, num mesmo supermercado, o valor pago na aquisição de um produto qualquer é igual tanto para aquele que recebe um salário mínimo como para aquele que recebe dez. Assim, o valor de ICMS que está embutido no preço desse produto, além de ser um custo devido pelo supermercado que é repassado ao consumidor final total ou parcialmente, toma uma proporção muito maior do rendimento do primeiro do que do segundo.

Contudo, há outras possibilidades mais justas de estruturação tributária, como aquela que tira o foco da tributação do consumo e produtos básicos e passa a incidir mais diretamente sobre renda e patrimônio, ou seja, impostos diretos ***(3)***.

Por isso, o debate sobre o Imposto de Renda Pessoa Física (IRPF), dentre diversos tributos previstos em nosso País, é muito importante para reorganização do sistema tributário brasileiro de forma a ser mais justo.

Ao longo da história, não há regra estabelecida de reajuste da tabela do IRPF. Essa não é sequer corrigida pela inflação anual. Entre janeiro de 1993 e dezembro de 2015, a inflação acumulada medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA/IBGE) – índice oficial foi de 261,11%, frente uma correção da tabela de 109,62% no período. Isso implicou numa defasagem de 72,27%.

Se na atual tabela somente houvesse a correção por 72,27%, referente à defasagem com a inflação, os novos valores limites das faixas seriam ampliados, implicando no menor desembolso por parte daqueles que ganham menos. ***(Tabelas 1 e 2)***

Nesse sentido, a reivindicação mais premente da sociedade é a correção anual da tabela atual pela inflação, como forma de manter a estrutura de contribuição dos assalariados para o Fisco e, em seguida, a criação de uma nova estrutura de tributação que contemple novas faixas de rendimentos.

Seria importante que houvesse ampliação da quantidade de faixas com alíquotas superiores aos 27,5%, como, por exemplo, a criação de faixas que possuam alíquotas de 30,0%, 35,0%. Dessa forma, seria atendido o princípio da progressividade. Cabe destacar que a experiência internacional demonstra casos em que estas podem ser superiores a 50%, como em alguns países europeus, por exemplo.

Pagar imposto é um ato de cidadania, uma vez que os recursos advindos dos impostos permitem ao Estado financiar políticas sociais (educação, saúde, previdência, etc.) e, portanto, melhorar a qualidade de vida da população. Contudo, o Brasil é um país com grandes desigualdades de renda e a tributação, na medida em que recai de maneira desigual sobre as famílias, acaba ampliando ainda mais essa desigualdade.

CONCEITOS

1 – É AQUELE QUE ESTÁ EMBUTIDO NO PREÇO FINAL DO PRODUTO E NÃO APARECE EXPLICITADO NA NOTA FISCAL. UM CONTRIBUINTE RECOLHE O IMPOSTO E OUTRO EFETIVAMENTE O PAGA.

2 – PARA QUE UM IMPOSTO SEJA PROGRESSIVO, É PRECISO QUE ELE TENHA MAIS DE UMA ALÍQUOTA E QUE ELAS INCIDAM DE FORMA CRESCENTE, CONFORME AUMENTA A BASE DE CÁLCULO. O IMPOSTO DE RENDA É UM BOM EXEMPLO. QUANTO MAIORES SÃO AS FAIXAS DE RENDA (BASE DE CÁLCULO), MAIORES SÃO AS ALÍQUOTAS.

3 – É AQUELE QUE INCIDE PERIODICAMENTE SOBRE A RENDA E O PATRIMÔNIO DE UMA ÚNICA PESSOA OU DO CAPITAL.

Fonte: DIEESE, IPEA E SINDIFISCO NACIONAL. Cartilha A Progressividade na Tributação Brasileira: por maior justiça tributária e fiscal.

Tabela 1
TABELA IRPF EXERCÍCIO 2016, ANO-CALENDÁRIO 2015

Base de cálculo mensal (R$)	Alíquota (R$)	Parcela a deduzir (R$)
Até 1.903,98	-	-
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,8
De 2.826,66 até 3.751,05	15,0	354,8
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

Tabela 2
PROPOSTA DE TABELA IRPF 2016, COM CORREÇÃO DE 72,27%[1]

Base de cálculo mensal (R$)	Alíquota (R$)	Parcela a deduzir (R$)
Até 3.079,79	0,0	-
De 3.079,80 até 4.610,44	7,5	230,98
De 4.610,45 até 6.154,23	15,0	577,15
De 6.154,24 até 7.689,81	22,5	1.038,72
Acima de 7.689,82	27,5	1.423,20

Fonte: Receita Federal e IBGE – Elaboração: DIEESE. Nota: (1) defasagem medida pelo IPCA-IBGE no período de janeiro de 1996 a dezembro de 2015, considerando em 2015 reajuste médio calculado pelos técnicos do Sindicato e proposta que os comerciários defendem para recuperar nosso poder de compra.

Plus Size

Talento e beleza sem medida

Apesar de todas as políticas contra diferentes tipos de preconceito, é possível afirmar que, em se tratando de "plus size", ainda há muitas barreiras quando o assunto é mercado de trabalho. Em 2013, a Catho Online divulgou uma pesquisa que apontava que cerca de 6,2% dos empregadores afirmavam não contratar pessoas acima do peso.

"Ainda há um preconceito disfarçado. Mesmo com as ações contra o preconceito e o discurso politicamente correto, a maioria das pessoas ainda tem o gordo, o negro ou o homossexual como chacota. Somos sempre temas de piadas. Mas isso não me incomoda!", afirma a vendedora Taniele Noberto, de 22 anos, que, segundo ela mesma, está acima do peso.

Com a autoestima elevada, a comerciária admite já ter sofrido preconceito na época da escola e em alguns trabalhos, mas seu biotipo não foi um empecilho – nem regra – para garantir uma vaga no seu atual emprego. "Sou bem resolvida comigo. Executo meu trabalho e vendo tanto quanto as outras meninas, magras ou não", diz a jovem que trabalha na Loja Kauê - Tamanhos Especiais.

"Nunca fui impedida de entrar em um lugar por conta do meu tamanho. Não me preocupo com as opiniões alheias. E não deixo de vestir minhas saias, shorts e vestidos. Minha maior preocupação é com a saúde. Se isso estiver ok, fico feliz", diz a comerciária.

A Kauê é especializada em tamanhos grandes. Mas estar ou não acima do peso não é um critério para trabalhar na loja, que vende roupas com tamanhos a partir do 46. "Não é por ser uma loja plus size que, necessariamente, todos têm que seguir esse padrão. O nosso quadro é composto por pessoas de biotipos diferentes, altas, baixas, negras, brancas, loiras, japonesas, morenas, etc. Todos os funcionários passam pelo mesmo treinamento e têm o mesmo tratamento", afirma Carlito Meíra, gerente da loja.

Assim como Taniele, o comércio vem quebrando regras e a atenção à moda plus size cresce a cada dia – um passo importante para quebrar as barreiras do preconceito.

Aceitação pessoal é fundamental

Kalli Fonseca, autora do blog "Beleza sem Tamanho", sempre esteve acima do peso, mas a aceitação veio só na fase adulta. "Aos dez anos, eu já pesava mais do que muitos adultos. Comecei com as dietas muito cedo. Cheguei a perder uns bons quilos, mas continuei gorda. A opinião das pessoas me afetava emocionalmente. Cresci com o mundo me dizendo que ser gorda era feio. Na adolescência, tudo é intenso e acho que essa fase foi a mais delicada. Meu maior drama era não ter a roupa que eu gostava no tamanho do meu corpo."

Para a blogueira, o advento das redes sociais ajudou a desmistificar tais estereótipos. Hoje, ela considera ser mais fácil encontrar roupas para seu tamanho. "O mercado plus size precisa evoluir em questão de moda. Ainda estamos muito defasados em relação aos tamanhos menores, mas, se comparar a moda de hoje com a opção que eu tinha na adolescência, é certo que estamos muito melhores." »

"Nunca fui impedida de entrar em um lugar por conta do meu tamanho. Não me preocupo com as opiniões alheias. E não deixo de vestir minhas saias, shorts e vestidos. Minha maior preocupação é com a saúde"

Taniele Noberto

Fotos: divulgação

Kalli Fonseca,
autora do blog
"Beleza sem Tamanho"

Fotos: divulgação

Helena Custodio,
autora do blog
"Sou Gordinha Sim"

» Mesmo com toda divulgação referente ao tema, a pressão estética ainda é pesada. "Se aceitar foi fácil, difícil é romper as barreiras do preconceito diariamente. Somos cobrados. E há problemas estruturais, como cadeiras, catracas, poltronas de avião, etc."

"Trabalhar e fazer a mulher se aceitar é o meu foco. Tenho conseguido ajudar outras mulheres a se amarem do jeito que são. Vivemos uma era em que a mídia nos motiva a nos odiarmos, mas acredito que se olhar no espelho e adorar aquilo que se vê refletido é uma grande conquista pessoal e torna a vida muito mais fácil e feliz. Para ser bonita tem que ser magra? Acho isso fora de moda *(risos)*. Custo a acreditar que, nos dias atuais, ainda exista quem se sinta no direito de definir tipos de beleza", diz Kalli.

Plus size em alta

"Estamos ganhando respeito, conquistando nosso espaço no mercado da moda, mas ainda está longe do ideal", afirma Helena Custodio, blogueira, gordinha assumida, marqueteira, pedagoga de formação, apresentadora, palestrante, autora do blog "Sou Gordinha Sim" e modelo pluz size.

Aos 40 anos, Helena admite já ter feito diversos regimes, mas atualmente está satisfeita com seu corpo. Ela é totalmente contra o termo "padrão de beleza" e a relação de tal padrão com a saúde. "Não sei quem inventou isso. Sou gorda e tenho muita saúde."

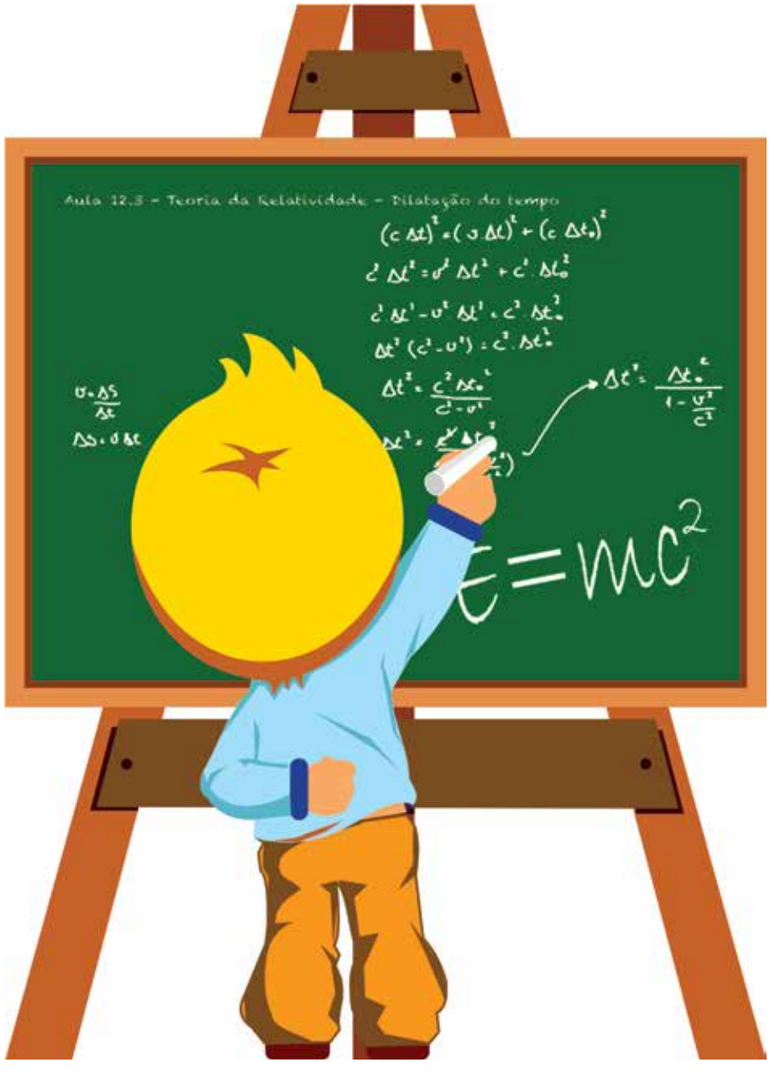
Quanto ao mundo da moda plus size, Helena dá uma alfinetada. "No Brasil, não temos valor como as modelos convencionais. Ainda há um certo preconceito contra o plus size, porque a mídia favorece muito a ditadura da magreza. Sendo assim, o cachês das modelos convencionais são maiores."

Segundo a modelo, a ideia do blog "Sou Gordinha Sim" é conectar mulheres que estão acima do peso e que sofrem com o preconceito. "Não interessa o seu manequim. Amor e saúde são primordiais e não podem faltar nunca. Vamos nos valorizar, cuidar da saúde e imagem, mas nunca deixar ser associada a estereótipos caricatos ou a coisas que desvalorizam o ser humano, independentemente do seu peso."

Dicas do "Sou Gordinha Sim"

- *Calças jeans escuras e as estampadas com fundo de cor escura ornam melhor com nossas pernas grossas.*
- *Vestidos acinturados, tipo envelope, nos deixam mais elegantes e alongam a silhueta.*
- *Decote sem exageros.*
- *Sentir-se confortável é importante.*
- *E lembre-se: todos, gordos ou magros, podem ou não usar tudo. Precisa ter bom senso.*

"O animal satisfeito dorme"



O sempre surpreendente Guimarães Rosa dizia: "o animal satisfeito dorme". Por trás dessa aparente obviedade está um dos mais fundos alertas contra o risco de cairmos na monotonia existencial, na redundância afetiva e na indigência intelectual. O que o escritor tão bem percebeu é que a condição humana perde substância e energia vital toda vez que se sente plenamente confortável com a maneira como as coisas já estão, rendendo-se à sedução do repouso e imobilizando-se na acomodação.

> *"É fundamental não nascermos sabendo e nem prontos; o ser que nasce sabendo não terá novidades, só reiterações"*
>
> Mario Sérgio Cortella

A advertência é preciosa: não esquecer que a satisfação conclui, encerra, termina; a satisfação não deixa margem para a continuidade, para o prosseguimento, para a persistência, para o desdobramento. A satisfação acalma, limita, amortece.

Por isso, quando alguém diz "fiquei muito satisfeito com você" ou "estou muito satisfeita com teu trabalho", é assustador. O que se quer dizer com isso? Que nada mais de mim se deseja? Que o ponto atual é meu limite e, portanto, minha possibilidade? Que de mim nada mais além se pode esperar? Que está bom como está? Assim seria apavorante; passaria a ideia de que desse jeito já basta. Ora, o agradável é quando alguém diz: "teu trabalho (ou carinho, ou comida, ou aula, ou texto, ou música, etc.) é bom, fiquei muito insatisfeito e, portanto, quero mais, quero continuar, quero conhecer outras coisas.

Um bom filme não é exatamente aquele que, quando termina, ficamos insatisfeitos, parados, olhando, quietos, para a tela, enquanto passam os letreiros, desejando que não cesse? Um bom livro não é aquele que, quando encerramos a leitura, o deixamos um pouco apoiado no colo, absortos e distantes, pensando que não poderia terminar? Uma boa festa, um bom jogo, um bom passeio, uma boa cerimônia não é aquela que queremos que se prolongue?

Com a vida de cada um e de cada uma também tem de ser assim; afinal de contas, não nascemos prontos e acabados. Ainda bem, pois estar satisfeito consigo mesmo é considerar-se terminado e constrangido ao possível da condição do momento.

Quando crianças (só as crianças?), muitas vezes, diante da tensão provocada por algum desafio que exigia esforço (estudar, treinar, EMAGRECER, etc.) ficávamos preocupados e irritados, sonhando e pensando: por que a gente já não nasce pronto, sabendo todas as coisas? Bela e ingênua perspectiva. É fundamental não nascermos sabendo e nem prontos; o ser que nasce sabendo não terá novidades, só reiterações. Somos seres de insatisfação e precisamos ter nisso alguma dose de ambição; todavia, ambição é diferente de ganância, dado que o ambicioso quer mais e melhor, enquanto que o ganancioso quer só para si próprio.

Nascer sabendo é uma limitação porque obriga a apenas repetir e, nunca, a criar, inovar, refazer, modificar. Quanto mais se nasce pronto, mais refém do que já se sabe e, portanto, do passado; aprender sempre é o que mais impede que nos tornemos pri-

Excerto do livro "Não nascemos prontos! – provocações filosóficas".

De Mario Sérgio Cortella

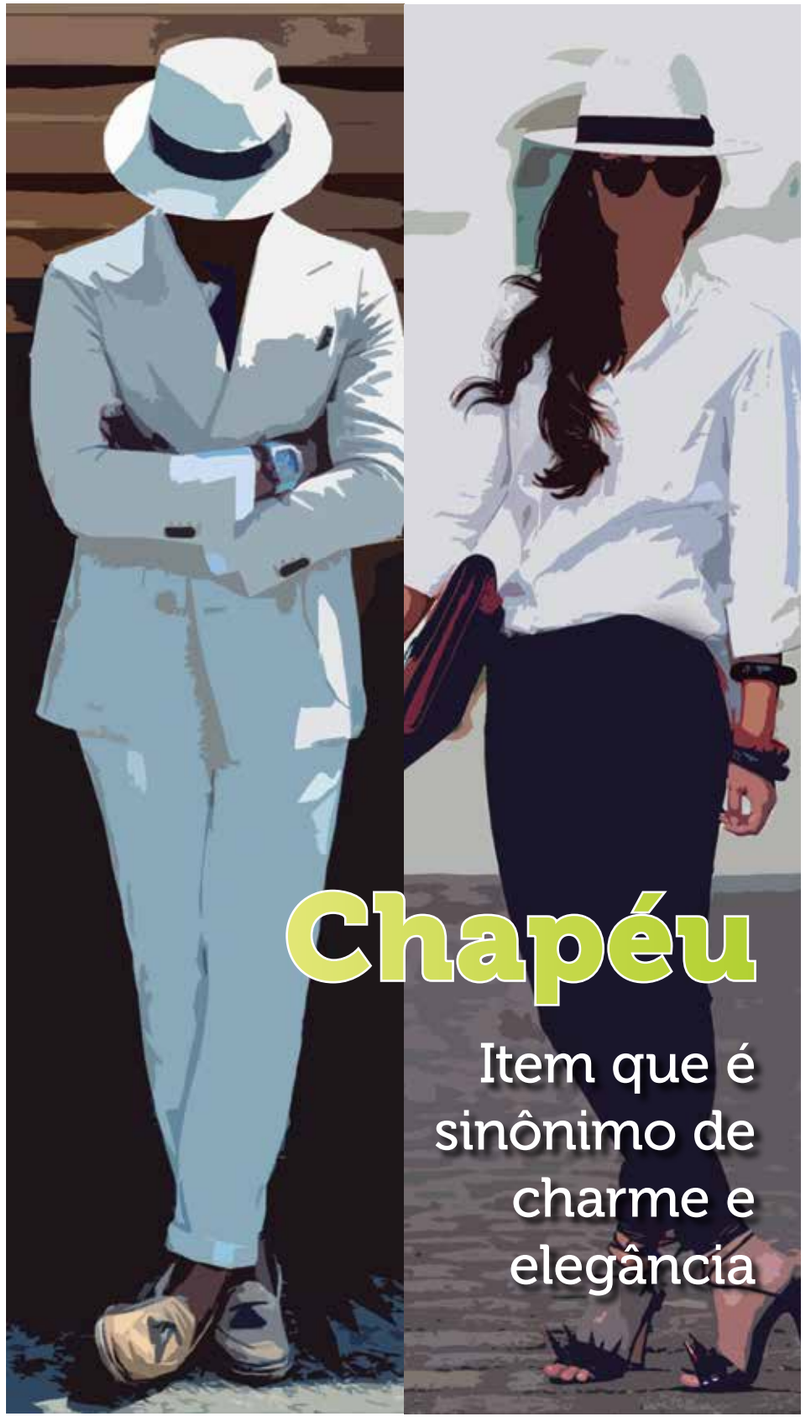
Cortella é filósofo e escritor, com Mestrado e Doutorado em Educação pela PUC-SP.

sioneiros de situações que, por serem inéditas, não saberíamos enfrentar.

Diante dessa realidade, é absurdo acreditar na ideia de que uma pessoa, quanto mais vive, mais velha fica; para que alguém quanto mais vivesse mais velho ficasse, teria de ter nascido pronto e ir se gastando...

Isso não ocorre com gente, e sim com fogão, sapato, geladeira. Gente não nasce pronta e vai se gastando; gente nasce não-pronta, e vai se fazendo. Eu, no ano que estamos, sou a minha mais nova edição (revista e, às vezes, um pouco ampliada); o mais velho de mim (se é o tempo a medida) está no meu passado e não no presente.

Demora um pouco para entender tudo isso; aliás, como falou o mesmo Guimarães, "não convém fazer escândalo de começo; só aos poucos é que o escuro é claro"...



Chapéu

Item que é sinônimo de charme e elegância

Há quem diga que é apenas um item do guarda-roupa dos fashionistas de plantão. Mas, muito mais do que isso, o chapéu tem a função de enfeitar e de proteger do frio ou do sol.

Muito utilizado em 1930, já serviu para indicar hierarquia, função, condição social ou até mesmo o local de origem. Acessório antigo, é um ótimo aliado para deixar o visual mais interessante.

"Eles ainda ditam tendências de moda", afirma Luciano Kirszenworcel, proprietário e vendedor de uma tradicionalíssima loja no Centro de São Paulo, a Esquina Chapelaria.

Tradição. É assim que Luciano define e mantém a herança familiar. A loja, que iniciou as atividades em 1935, é referência no segmento e sobrevive por conta de um público restrito e clientes fiéis. "Hoje não é o recorde de vendas, mas vamos sobrevivendo e mantendo a tradição e o respeito ao passado."

A famosa esquina reúne mais de 130 modelos de chapéus. Os homens e os nordestinos são os clientes mais frequentes. Já as mulheres compram menos e procuram sempre os modelos clássicos de inverno ou de praia. O tipo Panamá é a vedete da loja, o mais vendido.

"O Brasil é um grande exportador de chapéus. Todos os produtos são fabricados no Brasil, com exceção do modelo Panamá, cuja matéria prima vem do Equador e a montagem é feita aqui", explica Luciano.

Para o lojista, não precisa ser um expert nem ter formação específica para vender chapéus. O conhecimento pode ser adquirido no dia a dia ou com os mais experientes. "Não existe um curso ou lugar específico para aprender sobre o produto. A experiência pode ser adquirida com as visitas às fábricas e com os vendedores mais antigos."

No inverno ou no verão. De lona, de couro, de feltro, cashmere ou palha. Não importa! O chapéu compõe um estilo e resgata o charme e a elegância de uma determinada época. "Quem mais usa são os artistas, pessoas que seguem o modismo e quem tem alguma necessidade de saúde ou quer proteger a cabeça. Também é visto em algumas culturas ou eventos específicos", diz Luciano. »

> *"Todos os produtos são fabricados no Brasil, com exceção do modelo Panamá"*
>
> *Luciano Kirszenworcel*

Loja de chapéus no centro paulistano mantém tradição há mais de 80 anos

História

A palavra chapéu deriva do latim "Cappa" – peça usada para cobrir e proteger a cabeça dos povos primitivos da Pré-História. Não se sabe a época exata do surgimento, mas há registros de que os primeiros itens semelhantes aos chapéus surgiram por volta de 2000 a.C. e eram usados pelos gregos. "Pétaso", como era conhecido, tinha uma copa baixa e abas largas. A versatilidade de poder ser ajustado e retirado facilmente fez com que o modelo perdurasse por toda a Idade Média na Europa.

Nessa época, as instituições religiosas não permitiam que as mulheres mostrassem seus cabelos em público. A forma mais usual e simples de escondê-los era usando um pano de linho que caía sobre os ombros. Curiosamente, os atuais véus de noivas são os sobreviventes dessa época.

Nos séculos XIV-XVI, período Renascentista, os chapéus adquiriram diversos formatos, sendo ricamente enfeitados e usados pelos homens poderosos. Surgiram as boinas, na Itália, constituídas de uma peça circular de tecido franzido nas laterais, com uma faixa por onde passava um cordão ajustável. Alguns chapéus ainda guardam certa influência.

Durante a Revolução Francesa (1789-1799), as vestimentas foram influenciadas a se tornarem mais simples. Surgiram, então, os chapéus de copa alta, de formato côncavo, que deram origem às cartolas.

No século XX, surgiu uma diversidade de tipos, variações e modelos. E, em 1930, os chapéus passaram a ser vistos apenas como um acessório de vestuário. Apesar do clima tropical no Brasil, a moda acompanhou o estilo Europeu.

Modelos

Conheça alguns tipos do item que garante charme e elegância a quem usa:

1 – Chapéu Panamá

Ao contrário do nome, não vem do Panamá. A origem é equatoriana. O modelo é tradicionalmente claro, feito com a palha da planta Carludovica Palmata.

2 – Chapéu Fedora

Semelhante ao Panamá, porém feito de feltro. Surgido no início do século XX, dá um ar de sofisticação. Inspira o estilo de um dos guitarristas mais conhecidos do mundo, Carlos Santana.

3 – Chapéu Coco

Surgiu no final do século XIX. O chapéu Coco tem a copa mais redonda e as abas bem curvadas. Muito utilizado pelos homens, principalmente em situações formais. Pede o uso de peças pretas.

4 – Chapéu Clochê

O mais romântico entre os modelos. Surgiu entre as décadas de 1920 e 1930 e era usado pelas mulheres mais independentes da época. O formato é semelhante ao sino e se caracteriza por ter as abas caídas. A maioria dos modelos traz laços e cores delicadas.

5 – Chapéu Floppy

Com abas grandes e copa bem arredondada. Romântico e despojado ao mesmo tempo. Muito usado pelos hippies nas décadas de 1960 e 1970, é o queridinho entre as mulheres e usado em festivais.

6 – Chapéu Country

Impossível falar em cowboy sem imaginá-lo com um belo chapéu. O modelo foi criado junto com o universo country na década de 1920, nos Estados Unidos, e se popularizou mundialmente depois da década de 1960.

Você está **estressado?**

Para entender melhor sobre o assunto, conversamos com a psicóloga e coach vocacional Renata Garcia Freitas. Confira!

O que é o estresse?

Trata-se de uma reação do organismo quando ocorre algum tipo de desequilíbrio no estado físico, psicológico e/ou mental de uma pessoa devido a um esforço extremo para adaptação a uma situação nova. Ou seja, é quando o corpo reage, tentando voltar ao seu estado normal de equilíbrio e harmonia.

Principais causas

Qualquer situação pode ser a causa de um estado estressante – vai depender de como lidamos com ela. Existem dois tipos:

Causas internas: estão relacionadas à personalidade e sensibilidade afetiva de cada um. Por exemplo, pessoas muito perfeccionistas aumentam a pressão interna diante das requisições externas.

Causas externas: tudo aquilo que ameaça a segurança, a integridade física, moral e o status financeiro e exige adaptação. Por exemplo, aposentadoria, demissão, gravidez, fim de um relacionamento, doença e morte de alguém querido, trânsito, violência.

Sintomas

Cada pessoa tem seu grau de tolerância e resistência a essas mudanças, sem falar na predisposição genética. Por isso, poderá ou não desenvolver os diferentes sintomas – lembrando que, para o diagnóstico, não é preciso ter todos nem acontecerem ao mesmo tempo.

Físicos e fisiológicos: boca seca, necessidade de fazer xixi toda hora, tontura, palpitação, respiração acelerada, sudorese, tremor, falta de ar, alteração do sono, formigamento na face ou mãos, tensão muscular, problemas de pele e unha, hipertensão, mudança de apetite, cansaço excessivo, rubor ou calafrios, ganho ou perda de peso, náusea, queda de cabelo, problemas sexuais, diabetes, alteração hormonal.

Emocionais e psicológicos: problemas de atenção, concentração e memória; queda do rendimento; alteração de humor; perda de interesse pelas coisas; ansiedade; medo excessivo; depressão; crise de angústia; nervosismo; irritabilidade.

PREVENÇÃO

DEVEMOS LEMBRAR QUE UM GRAU PEQUENO DE ESTRESSE É NECESSÁRIO PARA GERAR MOTIVAÇÃO. MAS, QUANDO EM ALTO GRAU, HÁ DICAS PARA AMENIZÁ-LO OU ATÉ MESMO COMBATÊ-LO:

• DORMIR BEM • FAZER EXERCÍCIO FÍSICO
• TER UMA ALIMENTAÇÃO BALANCEADA E BEBER MUITA ÁGUA
• TIRAR 5 MINUTOS A CADA 1 HORA DE TRABALHO PARA SE DISTRAIR • TER UM HOBBY E MOMENTOS DE LAZER

AO NOTAR QUE ALGO NÃO VAI BEM, PROCURE UM PSICÓLOGO OU UM CLÍNICO GERAL.

Um olhar diferenciado.
Quando um **"click"** muda tudo

Uma fotógrafa, um evento, uma ajuda do filho – foi assim que tudo começou Sandra Reis foi chamada para fazer a cobertura fotográfica de uma festa. Na ocasião, levou junto seu filho Felippe, de 23 anos, portador da Síndrome de Down, e deu uma máquina na mão dele. Resultado? As fotos escolhidas para divulgar o acontecimento em uma revista foram as dele.

Foi, então, que surgiu a ideia de dar aulas de fotografia para outros jovens com deficiências intelectuais.

"Meu filho nasceu numa época em que a inclusão era uma utopia. Todo mundo dizia: ele tem que estudar em colégio regular, tem que fazer de tudo. Mas não é bem assim que funciona. O Felippe é meu filho do meio e eu sempre o incluí em tudo, mas, na prática, ele não tinha amigos. Aquela menina que estudava com ele jamais seria a sua namorada. Era preciso encontrar um 'mundo' do qual ele fizesse parte integralmente. Por isso, procurei um curso de teatro para alunos com Síndrome de Down", conta Sandra.

E esse momento foi um divisor de águas. Felippe passou a conviver com pessoas da sua "tribo", como diz a fotógrafa. "E eu também tive a oportunidade de trocar experiências, tirar dúvidas, conversar com mães que passam por circunstâncias mais próximas às minhas."

A turma do teatro foi a primeira a aderir às aulas de fotografia. "Conversei com as mães, contei o que havia acontecido e elas me pediram para abrir o curso. Começou como uma brincadeira, mas logo passamos a levar muito a sério e nasceu a Galera do Click, sob o mote 'O que é especial merece ser fotografado'", explica.

Além de um curso de fotografia para jovens com deficiência intelectual, o projeto é uma reunião de amigos e familiares. "Aqui, tanto os pais quanto os alunos têm tudo em comum", fala a idealizadora.

> *"A fotografia é uma ferramenta de inclusão muito importante porque desperta um olhar diferente sobre tudo"*
>
> *Sandra Reis*

O grupo começou com 21 jovens. Hoje, são quase 100. Para conseguir atender todos, o próximo objetivo da Galera do Click é se tornar uma ONG, para facilitar doações.

Como funciona

Os alunos da Galera do Click se reúnem uma vez por semana e têm aulas teóricas e práticas. Aprendem noções básicas de espaço e luz, composição, enquadramento, uso do flash, movimento nas fotos. "O importante é que eles registrem algo de que se orgulhem."

As oficinas acontecem, gratuitamente, nos fundos da casa da professora, em São Paulo.

Sandra também faz contatos e leva a garotada para tirar fotos no MIS (Museu da Imagem e do Som), na Pinacoteca, em parques, shows, peças teatrais, exposições, parques infantis. »

» "Hoje, tenho alunos com Síndrome de Down e com outras deficiências intelectuais. Procuro fazer com que eles tomem gosto pela captação de imagem por meio da diversão. A fotografia é uma ferramenta de inclusão muito importante porque desperta um olhar diferente sobre tudo. Aos poucos, eles estão sendo chamados para fotografar eventos como casamentos e aniversários e estão ganhando dinheiro com isso", orgulha-se a professora.

DEPOIMENTOS

"Eu prefiro fotografar com a luz do sol do que com a luz do estúdio. E também gosto de ser modelo."

Tainá Ortiz

"Eu gosto mais de fotografar paisagem. A natureza sempre chama a minha atenção."

Yasmin Ishida

"Eu já fui chamado para fotografar um chá de bebê, sabia? Amo a minha profissão."

Matheus Maester

"Ela adora estar aqui. Em um ano, fez muitas amizades.",

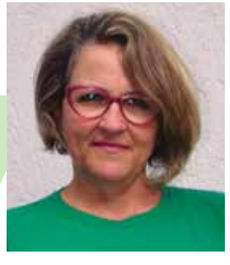
Tânia, mãe da Tainá

"Sou a fotógrafa oficial da minha família. Eu amo fotografar festas e eventos."

Beatriz Locaspe

"O curso mostrou que meu filho é capaz de trabalhar, pode ter uma profissão e uma renda para comprar o que ele gosta, como já fez com uma câmera e um notebook."

Sandra, mãe do Matheus Maester



Parceria com o Sindicato

Nos últimos meses, o Sindicato dos Comerciários de São Paulo fez alguns trabalhos com a Galera do Click.

No Mulher ComVida, em março, eles estavam lá, fotografando os melhores momentos do megaevento que reuniu mais de 100 mil pessoas e teve shows com Mumuzinho, Ana Clara e Péricles.

Em abril, a Secretaria de Inclusão da Pessoa com Deficiência promoveu, na sede do Sindicato, a exposição "O olhar por trás das lentes, valorizando talentos", com fotos tiradas pela Galera do Click.

A entidade sindical também patrocinou quatro aulas de mosaico, de duas horas cada, para os fotógrafos.

"Foi uma delícia. Eles são muito carinhosos e adoraram a atividade. O mosaico trabalha bastante coordenação, concentração, foco e paciência", disse a professora e mosaicista Camila de Castro Patah.

Galera do Click fotografa eventos do Sindicato

Aulas de mosaico trabalham concentração e coordenação

FELIPPE É O PRIMEIRO JUDOCA FAIXA PRETA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL DE SÃO PAULO

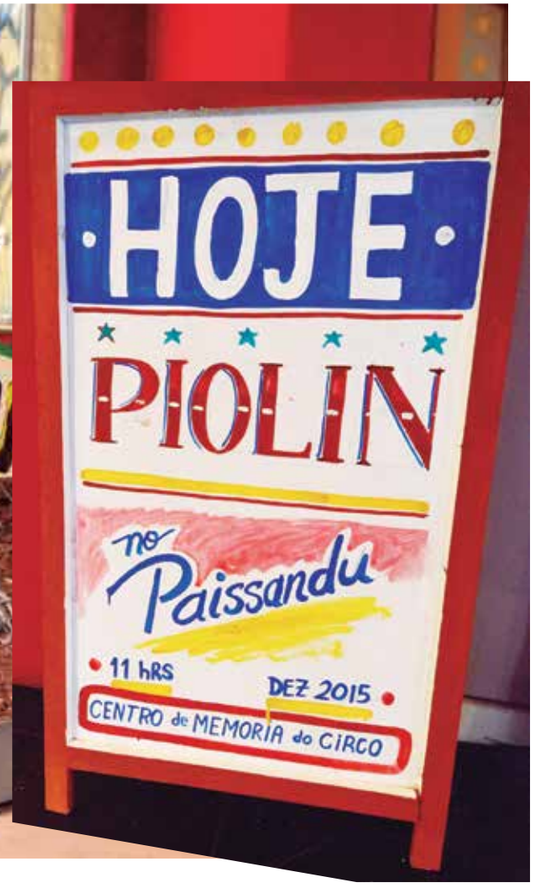
A Federação Paulista de Judô (FPJudô) realizou, em outubro, o exame de faixas. Felippe Reis, Judô Acre Clube, foi aprovado e se tornou o primeiro judoca faixa preta com Síndrome de Down do Estado de São Paulo.

Respeitável público, hoje tem circo!

O centro de São Paulo é o berço da arte circense no Brasil. Para quem não sabe, no Largo do Paissandu – considerado o sítio histórico do circo brasileiro – está o maior acervo e patrimônio histórico da arte circense, o Centro de Memória do Circo (CMC).

Fundado em 2009 pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, é a primeira instituição brasileira consagrada exclusivamente à memória do circo, com intuito de preservar, registrar, pesquisar e difundir sua história.

"É um sonho antigo da classe circense", explica a coordenadora Verônica Tamaoki, que define o local como um espaço que reúne os familiares e artistas circenses. »



O espaço

É um lugar de memórias permanentes com um acervo de quase 70 mil documentos, entre peças gráficas, fotografias, textos, figurinos, aparelhos, etc. Também há um núcleo pedagógico que integra ações como pesquisas, visitas monitoradas, oficinas, espetáculos e debates.

"Hoje tem Espetáculo" é a exposição permanente que mostra uma linha do tempo com a história do circo no Brasil e no mundo, presta homenagem às famílias e artistas e apresenta as artes circenses e maquetes.

O Centro de Memória também é constituído por acervos provenientes do próprio circo, como os Fundos Circo Nerino, Circo Garcia e uma musicoteca.

Pela cortina, você pode espiar a fabulosa e espetacular aventura do circo no Brasil ao longo de quase 200 anos, desde a sua chegada, no século XIX, até os dias de hoje.

Visitas

Mais de 75 mil pessoas já visitaram o Centro de Memória do Circo. O espaço é aberto ao público em geral, as escolas e interessados em pesquisar a arte circense.

As visitas podem ser monitoradas e os visitantes têm a oportunidade de participar dos núcleos e das rodas de conversas.

SERVIÇO

CENTRO DE MEMÓRIA DO CIRCO
Avenida São João, 473
Galeria Olido
Centro - São Paulo /SP

ENTRADA GRATUITA

EXPOSIÇÃO
Segunda a Sexta, das 10h às 20h.
Sábados, domingos e feriados, das 13h às 20h.

(NÃO ABRE ÀS TERÇAS)

ATENDIMENTO CMC
Quarta a sexta, das 10h às 18h.

PESQUISA AO ACERVO
Tel.: (11) 3397-0177
Apenas com horário marcado.

SINDICATO DOS COMERCIÁRIOS DE SÃO PAULO

Rua Formosa, 99 - Vale do Anhangabaú - Centro
CEP 01049-000 - São Paulo/SP
Tel.: 2121-5900
www.comerciarios.org.br

RICARDO PATAH, presidente